



ISSN: 3085-6434

DOI:

<https://doi.org/10.71263/t4v11h70>

MEMORIAL: BENÇA, VÓ!

Wênita Kely da Silva¹

Memorial: Benção, Vó!

As pistas filosóficas construídas e desenvolvidas durante esse percurso formativo, as contribuições para a feitura de uma escrita criativa dentro do âmbito da escrita acadêmica, o (re) conhecimento de teorias epistemológicas de uma miscelânea de teóricos (as) no campo da Filosofia afirmou-se como possível lastro e arcabouço para a evolução positiva [...]. (Martins, Silva, Feitosa, 2023, p. 224)

¹ Mestranda em Filosofia pelo PROF-FILO Núcleo IF Sertão PE. E-mail: wenitakely9@gmail.com

Com o tom vibrante da infância, a melodia dos pássaros acompanhava uma vida cheia de alegria e muitos risos. O cheirinho das flores no ar, a brisa suave acariciando a pele e o som das folhas dançando ao vento traziam uma sensação de liberdade infinita. A criança, que aos poucos se transformava em uma menininha forte e determinada, não sabia o quão grandiosa era sua essência naquele embrenhado de amor. Seus sonhos, sustentados pela delicadeza da natureza ao redor, nasciam com uma leveza única, como se a própria floresta sussurrasse segredos de felicidade, fazendo cócegas ao pé do ouvido. Cada passo, cada gargalhada, era um reflexo da pureza do ambiente que a envolvia e despertava sonhos mirabolantes, onde o mundo parecia celebrar sua existência de forma imaginária, pois ela tocava o céu, aquela imensidão azul se fazia muito próxima a ela.

Ela encontrava um segredo imenso que não cabia em seu coração sonhador, mas seus olhos brilhavam com uma luz única ao ver sua avó. O sorriso silencioso refletido em seu olhar era um testemunho do amor absoluto e da compreensão que só essa figura especial poderia oferecer, como se toda filosofia de vida traduzisse sua objetividade em uma conversa melódica e divertida, sentada na grama com Jean-Jacques Rousseau, relatando a euforia causada pela natureza e todo o reboleio interior numa imensidão de harmonia.

O refúgio seguro e acolhedor que ela buscava, um amor silencioso que transcendeu palavras. O brilho nos olhos da menina era de uma alegria mágica, incontestável, como se cada centelha fosse uma afirmação do laço profundo e inquebrantável. A admiração pela avó transbordava em cada olhar, e a confiança, palpável em seus gestos, era a base de uma relação que preenchia a menina de calma e felicidade e, por vezes, transbordava em seus sonhos, sendo uma crença real o que se passava à noite naquela cabecinha.

Viver a infância ao lado da avó materna era morar em um pequeno refúgio de carinho, onde o tempo parecia desacelerar, permitindo que os dias florescessem em pura magia e nem havia necessidade de entender o mundo lá fora e suas nuances. Aquela pequena casa, com cheiro acolhedor de bolos recém-assados e chá de erva-cidreira (nosso favorito), era um templo de conforto e absoluta paz.

Ela era a guardiã dos melhores segredos, sempre com um sorriso tranquilo e uma mão amiga pronta para segurar a nossa, ou oferecer um lanchinho como afago ao coração. Em seus olhos, tudo parecia mais bonito, mais gentil. Nos mostrava a importância e o belo das pequenas coisas: o som das folhas caindo, o calor do sol, a magia das manhãs frescas ou ainda naquele quintal iluminado pela lua cheia, contemplá-la (nossa atividade noturna favorita). A vida ao lado dela era marcada pela serenidade dos gestos, pela confiança transmitida e por cada ensinamento carinhoso, ainda que fugíssemos daquela realidade e precisássemos ouvir “coisas mais sérias da vida”, tratava tudo com gentileza e fortaleza.

Aquela forte e meiga senhora tinha uma conexão especial com a natureza. Seu lugar favorito era o sítio, rodeada por frutas e árvores que pareciam conversar, ainda que em silêncio, observadora e atenta a cada miudeza ali referenciada numa diversidade de espécies plantadas e regadas pela própria.

O sítio era refúgio, um espaço sagrado onde o cheiro da terra molhada se misturava com o aroma doce das frutas maduras, criando uma sensação única de paz e acolhimento. Amava o som das aves, os sussurros do vento nas árvores e o cantar dos grilos ao cair da tarde. Para ela, o sítio não era apenas um lugar físico, mas um espaço de morada e Conexão intensa com a natureza e sua própria subjetividade. Nos ensinava a importância de respeitar a Terra e seus componentes, de entender que a vida é cíclica, como o cultivar das frutas que ela

tanto se dedicava. No sítio, as árvores frutíferas eram como amigas antigas, cada uma com sua história e seu tempo de amadurecimento.

A avó sabia como colher o fruto no período certo, com a paciência que só quem respeita a natureza pode ter e, neste contexto, trazia com clareza o momento que o despertar para o estudo mais aprofundado chegaria. Logo, seria a criancinha, uma professora, ensinaria tudo o que observava com êxito naquele espaço, já em transição de nomenclatura. Falava orgulhosa do **Magistério** da vida para o **Normal Médio**, que trazia as miudezas do ato de ensinar e com elas a liberdade do entusiasmo de trocar outras novas experiências, porém sempre referenciando aquele presente que mais tarde adicionou-se o "Pedagogia do Oprimido", uma nova conversa com o grande Paulo Freire, aquele dos livros que a menina ficara curiosa para descobrir o que tinha naquele monte de letrinhas. Nesta trilha encantada, havia algo novo e precioso: o encantamento pela **Educação Inclusiva**, despertada nos grandes núcleos de aprendizagem como a **Escola municipal professora Maroquinha**, o **NAPPNE**, **CREAS**; os olhos da pequena agora eram "arregalados" de amadurecimento para algo excepcional, percebera que o tempo havia passado e novas crianças com realidades diferentes ali estavam, e a direção de algo maior era seu novo compreender da vida: **AUTISMO**.

Apesar de uma concepção espectral inserir o autismo numa possibilidade combinatória de sintomas, ele aparece em inglês como spectrum (Autism spectrum disorder). Tal termo vem do latim, indica a aparência ou visão de algo, ou mesmo um simulacro. A palavra deriva de specio, um verbo que indica olhar, ver ou avisar (Ferreira, 1991). Instiga ainda o fato de espectro, ao longo do tempo, ter ganhado o

significado de uma fantasmagoria. (Duarte, Bortoletto, 2024, p. 15)

Mergulhada ainda na vó, contava histórias sobre a magia do pé de jabuticaba, que florescia com uma beleza rara e nos dava frutos doces, como se fosse uma dádiva da própria terra. O pé de manga, com sua sombra generosa, era o lugar onde passavam tardes preguiçosas, acompanhadas pelo som do balançar das folhas, num abraço gigante de acolhimento debruçadas na areia fria.

A avó, com seu sorriso sereno (lembrava com carinho), sabia que o segredo da vida estava ali, naquele ciclo infinito de semear, cuidar, colher e celebrar a abundância da natureza. Agora, já era hora de decidir algo maior, a vez de IAMAMOTO (2009, p. 34) afirmar que "a escolha da **profissão de Serviço Social** está intimamente ligada ao compromisso com as questões sociais e à defesa dos direitos humanos." Algo encantador para ela, com um ciclo de formação desafiadora, nos cursos complementares se debruçava pretensiosamente: **Agente de Projetos Sociais, Assistente Social no Serviço da Saúde, Violência doméstica - Infância e Adolescência, Educação Inclusiva, Assistência a Crianças e Adolescentes em situação de risco**. Sabia da orientação que recebera e o cuidado com novas crianças fora repassado com maestria pela vovó, e o conhecimento sempre fora seu objetivo maior, assim como a **especialização em Gestão do Sistema Único de Assistência Social**.

Entre os muitos ensinamentos partilhados, um em particular tocava o coração da menina: o respeito. E ela a ensinava com a calma de quem viveu um amor profundo e real com seu admirável cônjuge. A avó falava, com a leveza das palavras de quem conhecia a realidade do tempo, sobre o casamento — não como algo romântico idealizado, mas o trazia como um compromisso de partilha e respeito mútuo. Dizia ela, "o casamento precisa de cuidado diário para

crescer, tudo floresce se nos colocarmos a partilhar com zelo e cuidado a convivência."

Era com essa sabedoria que contava como um relacionamento precisa de paciência, de silêncio respeitoso, e de gestos diários de carinho. Não se referia a grandes declarações, mas a pequenos atos que, somados, construíam um amor sólido e duradouro. Esse ensinamento reverberava de uma maneira profunda na menina, como se fosse a verdadeira essência da vida, pois valorizava tudo detalhadamente que trazia a senhora.

E, ao crescer, começa a entender a importância dessas palavras: o respeito não só pelo parceiro, mas também por si mesma e pelos outros, sempre com o coração aberto. Neste ciclo de descobertas da vida, viriam novas versões de si, a não conhecida e mais desafiadora: Maternidade atípica. Logo, entendera por que seu coração tanto a levou para uma dimensão excepcional em suas escolhas profissionais, sem ao menos sonhar ser mãe um dia (perante ciência).

Porém, como em toda história, havia também um momento inevitável de dor. O que antes parecia um abrigo inquebrantável, agora chegara o cenário de perda irreparável, a mais complexa e profunda. A avó, a fada silenciosa que enchia a infância de risos e segurança, voava para longe, levando consigo toda a magia, inclusive sua varinha mágica de encantamentos, seu profundo saber. A frustração da ausência tornara um peso invisível, crescente, como se a barreira da saudade não fosse ceder.

O luto por sua falta era uma nota grave, uma melodia que se repetia em cada canto da alma da menina, desolada, sem brilho, sem vida. O mundo parecia desacelerar, e cada passo na jornada da vida adulta se tornara mais pesado, como se o tempo estivesse paralisado, porém de uma estranha forma, desconhecida, sem cor, sem graça, abrupta...

A mudança para a vida adulta foi como atravessar uma ponte, onde o familiar encontrara o desconhecido, mas o novo não a empolgara. A menina, agora jovem mulher, sentia que as responsabilidades cresceram, e as escolhas antes feitas por outros, agora eram suas. Ela se via diante do desafio de ressignificar a dor e de entender que, apesar de distanciar-se da infância, a magia de sua avó continuava viva dentro dela, precisava encontrá-la numa submersão, guiando suas escolhas e atitudes. Cada ensinamento, cada gesto de carinho, se modificava em uma base sólida que a sustentava em sua jornada, mas não havia conformidade com um fato tão medonho e doloroso quanto não a ter, e para sempre.

A nova vista da criança contida em sua subjetividade gritante, ao pertencer à cidade grande, refletia uma mistura de fascínio e medo. O caos da cidade parecia intimidante, mas ao mesmo tempo convidativo, como aquela oportunidade de aprofundamento das realidades e novas formas de agrupamentos familiares no programa **Minha Casa, Minha Vida**, enquanto **agente socioeducativo**. As ruas movimentadas, os edifícios altos, a correria das pessoas – tudo parecia um espetáculo surreal. Mas a menina, curiosa, sabia que ali, no centro desse novo mundo, precisava se refazer, por seus sonhos.

Enquanto assistente social, passou a trabalhar pela inclusão e o bem-estar dos mais vulneráveis, especialmente os idosos, protegendo as relações familiares que tanto valorizava e começara seus pequenos passos de **pesquisadora**, buscando no primeiro projeto intitulado **“Violência intrafamiliar contra o idoso”** respostas para o contexto. Era o reflexo da sua própria adaptação entre o passado e o presente, buscando transformar a "estranheza" do mundo em algo que pudesse compreender e atuar com coração, numa posição de **Educadora Social**, no Centro de Idosos **CCI Vó PULU**, em Petrolina - PE. Espaço de acolhimento e desenvolvimento de atividades como:



Aulas de alfabetização e letramento, Aulas de biblioterapia, Ações de saúde e Ações de serviços para idosos. À medida que se desenvolvia, compreendia que o que antes parecia ser uma perda eterna da magia, agora se transformara em uma aprendizagem sobre si e sobre a vida, como numa imersão da **Filosofia**, na constante busca pela experiência profissional e pessoal, descrita no **Mestrado**.

Com o tempo, agora mãe, passou a compreender também que sua maternidade não seguiria as normas impostas pela sociedade, mas seria sua própria música, uma melodia única que nascia entre sua pequena filha, de mundo vasto. Na maternidade atípica, pensara como sempre: "o essencial não é a perfeição, é ser inteiramente quem sou e permitir que minha filha seja igualmente livre, sem medo de suas particularidades." E seguimos com: "Bença, vó!"...

Resumo

A narrativa retrata uma criança que viveu sua experiência infantil em um ambiente repleto de amor e aprendizagem, harmoniosamente na companhia de sua avó. O vínculo com a natureza e as orientações da senhora foram fundamentais para ela, que compreendeu o valor do respeito, da paciência e da disciplina, influenciando particularmente suas interações pessoais e, por consequência, suas decisões profissionais. A avó, com seu vínculo grandioso com a terra e o ciclo da vida, transferiu à neta a importância do cuidado com as demais pessoas e com o ambiente ao seu redor. Conforme crescia, a garota se tornava uma jovem mulher, confrontando as adversidades da vida adulta e, de forma marcante, a perda da avó, sua fortaleza, trazendo dor e saudade. Dedicou-se à profissão, enquanto assistente social, desempenhando funções importantes para o bem-estar e reconhecimento dos direitos de indivíduos vulneráveis, perante a lei, de maneira especial aos

idosos, e aprofundando conhecimentos em algumas questões sociais, como a violência doméstica e a inclusão social, encantada principalmente pela educação. Em sua caminhada, a menina se tornou mãe e renasceu, reconhecendo que sua maternidade, sobretudo em uma vivência atípica, seria única, mergulhada na minuciosidade diária. O texto reflete ainda sobre a metamorfose da menina em mulher, destacando a importância da avó, a luta e adaptação às mudanças da vida adulta e a busca por uma trilha profissional e pessoal significativa que respeitasse sua essência e valores, voltada à criticidade despertada no contexto filosófico. Em seu papel primordial materno, aprendeu a valorizar a autenticidade e a liberdade de ser quem realmente era, vivendo o ensinamento da avó em seu coração, desfrutando de sua paixão pelo âmbito educacional.

Palavras-chave: Infância; educação; valores; maternidade; inclusão.

Memorial: Blessing, Grandma!

Abstract

The text describes a girl who lived her childhood experience in an environment full of love and wisdom, affectionately alongside her grandmother. Her bond with nature and the teachings of her grandmother were essential to her, as she understood the value of respect, patience, and dedication, especially in her personal relationships, which influenced her professional choices. The grandmother, with her deep connection to the earth and the cycle of life, passed on to her granddaughter the importance of caring for others and for the world around her. As she grew, the girl became a young woman, facing the adversities of adult life and, notably, the loss of her grandmother, bringing pain and longing. She dedicated herself to her profession as a social worker, performing functions for

the inclusion of vulnerable people, especially the elderly, and delving into issues such as domestic violence and social inclusion, particularly in education. In her journey, the girl became a mother and recognized that her motherhood, especially in an atypical experience, would be unique, immersed in daily minutiae. The text reflects on the metamorphosis of the girl into a woman, highlighting the importance of the grandmother, the struggle and adaptation to the changes of adult life, and the search for a meaningful professional and personal path that respected her essence and values, with a focus on the criticality awakened in the philosophical context. In her primary maternal role, she learned to value authenticity and the freedom to be who she truly was, living her grandmother's teachings in her heart.

Keywords: Childhood; wisdom; respect; motherhood; inclusion.

Referencial teórico:

DUARTE, L. G.; BORTOLETTO, M. S. S. Cartografia Como Uma Cripistemologia: Reflexões A Partir De Um Território Autista. *Kaláगतos*, v. 21, n. 3, p. eK24061, 2024. DOI: 10.52521/kg.v21i3.13639. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/13639>. Acesso em: 16 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 51. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.

IAMAMOTO, Marilda. *O serviço social e a formação profissional*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTINS, R. C. S. ; SILVA, Cristiano D. da ; FEITOSA, Rodolfo. R.S . OS CAMINHOS (DES) CONSTRUÍDOS NO PROF-FILO NO IFSEPTÃOPE: O PERCURSO DO PROCESSO CRIATIVO DA ESCRITA ACADÊMICA. *Polymatheia*, v. 16, p. 220-232, 2023. Disponível em:



<https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/articloe/view/10897>. Acesso em: 13 abr. 2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução de Sérgio T. L. de Almeida. São Paulo: Editora 34, 1995.

Submetido em Março de 2025

Aprovado em Abril de 2025